

2. Paradoxos pós-modernos

O presente capítulo pousará a atenção sobre diversas realidades de sofrimento, humanas e sociais, do mundo contemporâneo. O tema da pós-modernidade será abordado a partir dos seus paradoxos, reconhecendo os inúmeros benefícios conquistados nas dimensões pessoal e social do ser humano, sem deixar de observar a crise antropológica gerada pelo individualismo, sobretudo para parcela mais frágil da população mundial. São realidades que suscitam o questionamento acerca do sentido imediato e do sentido último da vida.

A análise feita neste capítulo é importante para compreender a questão do sofrimento e da falta de sentido no mundo contemporâneo. Esse será o primeiro passo para podermos avaliar se o pensamento de Viktor Frankl, no livro *Homo Patiens*, e de João Paulo II, na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, podem lançar luzes às questões aqui apresentadas.

2.1. Desafios humanos e culturais da pós-modernidade

As grandes transformações sociais, políticas e econômicas sofridas nas últimas décadas do século XX, influenciaram no modo de autocompreender-se, de relacionar-se e de por-se no mundo de cada pessoa. Mudar é uma característica da vida, e toda mudança traz consigo uma série de desafios, porque exige abrir mão de certas seguranças; exige também a capacidade de adaptação diante do novo, além de uma dose de humildade para acolher as transformações necessárias.

Quando se trata de mudança de época, como a que vivemos, os desafios são ainda maiores, porque exigem clareza em “distinguir entre o que é essencial na vivência e o que é marca cultural de tempos que não voltam mais”¹. É necessário saber discernir o que é essencial e que fundamenta cada dimensão da vida e que, por isso, precisa ser mantido como garantia e proteção do futuro.

¹ AMADO, Joel Portella. *Espiritualidade cristã em tempos de mudança*. Contribuições teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 19.

A modernidade já havia conquistado “a autonomia da cultura, a desvinculação do religioso e do político, a legitimidade do estado moderno como Estado de direito, a autonomia das sociedades civis sob orientação da razão democrática”², porém, com tantas possibilidades e sem uma bússola que possa ajudá-lo a encontrar o norte da sua vida, o ser humano pós-moderno³ encontra-se à deriva do próprio subjetivismo. Essa é, também, a constatação do sociólogo polonês Zygmunt Bauman que, ao descrever algumas das características da “modernidade líquida”, identifica a crescente falta dos pontos estáveis de orientação que antes serviam de referência para a autoconstrução do indivíduo⁴. De fato, a falta de referências traz consequências nocivas para o ser humano individual e para as culturas em geral, podendo chegar à perda de identidade e à expatriação de si mesmo.

Dentre todas as mudanças, a mais radical diz respeito à nova concepção que o próprio ser humano tem de si mesmo. Podemos falar de um novo antropocentrismo, especialmente com os avanços tecnológicos e científicos, que são finalizados para o bem-estar das pessoas e colocados a seu serviço, mas que também manipulam e transformam o modo de ser humano, ultrapassando a fronteira entre o virtual e o real, entre o biológico e o tecnológico.

Nesse contexto, assistimos a “um descolamento do eixo em torno do qual as subjetividades se constroem”⁵, e nos tornamos cada vez mais surdos às necessidades interiores e espirituais. Instala-se assim, um dualismo existencial, porque transferimos para o exterior as respostas e as soluções de desafios e sofrimentos que são, na verdade, interiores. Vivemos numa época em que a busca pela perfeição rejeita a fragilidade humana e procura romper os seus limites, e

² GEFFRÉ, Claude. Interpretação da modernidade. In: *Concilium*. Petrópolis: Vozes, 244, 1992, p.5.

³ Na presente dissertação, por razões de objetivos precisos, não entraremos no mérito da nomenclatura mais adequada para identificar a cultura atual. Embora saibamos que o termo “pós-moderno” já é considerado ambíguo para alguns estudiosos, e que o termo “contemporâneo” se apresente um pouco vago, na visão de outros. A referência a ambos os termos, indicará, para nós, as grandes mudanças socioculturais, políticas e econômicas que se seguiram desde o final da década de 1970, ou seja, a cultura atual, globalizada, que tem como um dos seus pilares, a individualidade, a subjetividade, a fruição do tempo sobre o espaço.

⁴ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 14.

⁵ FURTADO, Mariama Augusto. *O Lugar do sofrimento na cultura contemporânea: patologização do mal estar e medicalização da vida*. Rio de Janeiro 2014. Tese (Doutorado em Psicossociologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p.157.

esquecemos que exatamente os mais frágeis foram os que mais atraíram o olhar de Jesus⁶.

Talvez possamos considerar que se o discurso da modernidade descortinava e prometia um futuro de progresso através do conhecimento, nele habitava um homem que compreendia o sofrimento e o mal estar senão como destino pelo menos como contingência humana. A pós-modernidade, entretanto, parece convidar-nos a abandonar esta contingência humana, propondo construir uma nova concepção do homem onde a experiência do sofrimento passa a ser concebida como uma patologia que pode e deve ser corrigida.

Assim, o envelhecimento, a morte ou o sofrimento – como condições que nos impõem limites - passam a ser apenas problemas a serem superados através dos recursos prometidos pela medicina biotecnológica. Esse é o cenário no qual o sofrimento vai tomando um novo lugar: o de um problema a ser corrigido através da incessante produção de um saber tecnicamente capaz de intervir sobre ele.⁷

Haverá sempre um limite que a tecnologia não conseguirá “corrigir”, e esta condição da fragilidade humana é também a garantia de nos mantermos humanos, dependentes do outro e dependentes de Deus. Como afirmou o Papa Bento XVI, no discurso inaugural da V Conferência do CELAM, “quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito de realidade e só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas”⁸, isso ocorre tanto em nível pessoal como social. A recusa a Deus, portanto, conduz à negação da primazia do ser humano, e essa é a raiz da cultura do descartável, que promove injustiças, desigualdade e violência⁹.

Ao dar-se conta da falta de unidade e de coerência do novo contexto social global, as pessoas experimentam grandes frustrações, porque percebem-se diante de uma realidade fragmentada, sobretudo porque as promessas de felicidade da nova cultura globalizada revelaram-se ineficazes no estabelecimento da justiça¹⁰. Isso confirma o que já foi dito pelo psiquiatra vienense, Viktor Frankl, ao explicar que a frustração e a ausência de sentido são sintomas deste século, porém o fator

⁶ Cf. Lc 7,13; Jo 5,6; Lc 13,12; Mt 9,36; Lc 21,2; Jo 9,1; Mt 11,28.

⁷ FURTADO. *O Lugar do sofrimento na cultura contemporânea*, p. 193.

⁸ BENTO XVI. Discurso inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. In: CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Brasília, São Paulo: CNBB, Paulinas, Paulus, 2007, p.272. Este documento será citado com a sigla DAp.

⁹ Cf. FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 53-57. Será citado EG.

¹⁰ Cf. DAp, n.61.

mais importante para explicar a raiz do vazio existencial talvez seja o desmoronamento das tradições¹¹.

Segundo Lipovetsky, na sociedade hipermoderna o que cria identidade “já não é a tradição, mas o individual”¹². Essa mudança é visível, por exemplo, nas propagandas que estimulam e inflacionam o valor da sensação e a importância da percepção subjetiva. Assim, “na corrida às coisas e aos lazeres, o *homo consumericus* esforça-se mais ou menos conscientemente em dar uma resposta tangível, ainda que superficial, à eterna pergunta: quem sou eu?”¹³. Para a fé cristã, a resposta a essa pergunta, porém, não poderá ser completa sem o encontro com aquele que é “o homem perfeito”¹⁴, diante do qual, cada pessoa reconhece a verdade sobre si e a própria dignidade.

Assim, a pós-modernidade alimenta e sustenta paradoxos que, aparentemente, convivem pacificamente. Vemos, por exemplo, as crescentes críticas e rejeição à violência urbana e, ao mesmo tempo, vemos um ibope sempre mais elevado em programas sensacionalistas que apenas propagam a violência e vulgarizam o valor da vida; vemos, por um lado, avanços no desenvolvimento agrícola e novas técnicas empregadas na produção de alimentos, enquanto milhões de pessoas continuam passando fome no mundo. Contudo, apesar das ambiguidades e dos paradoxos, os valores humanos não foram completamente aniquilados.

A “decomposição dos valores” tem limites: os direitos humanos, as liberdades públicas e individuais, o ideal de tolerância, a rejeição da violência, da crueldade, da exploração dos mais fracos são princípios que não naufragaram. Mesmo que o espírito de sacrifício e o ideal de “viver para outrem” já não sejam muito professados, não se pode assimilar a cultura de hiperconsumo ao grau zero dos valores e dos comportamentos altruístas. Os sentimentos de empatia e os gestos de solidariedade são espécies em via de extinção? Como compreender, nesse caso, a multiplicação das associações e dos voluntários? A despeito de todas as formas de indiferença ao outro existentes, nossas sociedades favorecem mais a identificação com outrem que sua ruína. As capacidades compassivas, o senso da indignação, os atos de ajuda mútua e de solidariedade, tudo isso não foi erradicado: assiste-se apenas ao desenvolvimento de uma generosidade circunstancial, emocional, indolor. Sempre receptivo à infelicidade de outrem, sempre desejoso de sentir-se útil aos outros, o

¹¹ FRANKL, Viktor E. *Um sentido para a vida*. Psicoterapia e Humanismo. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 20.

¹² LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal*. Ensaios sobre a sociedade do hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 45.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ Cf. Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II. *Gaudium et Spes*. In: Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 22. Será citado GS.

“coração” do indivíduo hiperconsumidor não deixou de bater: é ritmado de uma outra maneira.¹⁵

Na sua análise sobre alguns desafios do mundo contemporâneo, Papa Francisco constata que existe uma contradição entre o crescente progresso científico e tecnológico que, de um lado tem colaborado para um maior bem-estar das pessoas, e de outro lado, como se não participassem do mesmo mundo, há um número sempre maior de homens e mulheres que vivem “precarosamente, com funestas consequências”. Francisco descreve algumas dessas consequências, enfatizando que não é somente a classe pobre a sofrê-las, mas que afetam toda a sociedade.¹⁶

O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente esvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade.¹⁷

É necessário, portanto, combater o individualismo, presente e crescente na pós-modernidade, porque a ilusão da autossuficiência diminui a confiança entre as pessoas e dificulta a capacidade de relacionalidade. Não é isso que lemos na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium?*

Muitos tentam escapar dos outros se fechando na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. Porque, assim como alguns quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne e sem cruz, também se pretendem relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por écrans e sistemas que se podem acender e apagar à vontade. Entretanto, o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado.¹⁸

O psiquiatra espanhol Enrique Rojas também observa que existe na sociedade pós-moderna uma “banalização da existência e o tédio do ser humano”¹⁹, e que isso é consequência “de uma falta de projeção pessoal coerente, suficientemente forte para levar o indivíduo em direção ao seu futuro”²⁰. Assim, as pessoas tornam-se

¹⁵ LIPOVESTSKY. *A felicidade Paradoxal*, p. 146-147.

¹⁶ EG, n.52.

¹⁷ Ibidem, n.52.

¹⁸ Ibidem, n.88.

¹⁹ ROJAS, Enrique. *O Homem Moderno*. A luta contra o vazio. Curitiba: Chain, 2013, p.83.

²⁰ Ibidem.

vulneráveis, cansadas de viver e, se a isso se soma a falta de fé no transcendente, compreende-se o narcisismo, as obsessões por realização individual e as dificuldades na realização de atividades que exigem envolvimento emocional ou o sacrifício de si.

Não teria razão Lipovetsky, ao afirmar que a deserção social e a falta de apoio transcendental reforçam a vulnerabilidade humana, expondo as pessoas ao individualismo e ao vazio existencial?

A deserção social ocasionou uma democratização sem precedentes da depressão, o tédio de viver, o flagelo hoje em dia difundido e endêmico. [...]. Atravessando sozinho o deserto, levando a si mesmo sem qualquer apoio transcendental, o homem de hoje se caracteriza pela vulnerabilidade. A generalização da depressão deve ser levada em conta não das vicissitudes psicológicas de cada um ou das “dificuldades” da vida atual, mas, sim, da deserção da *res publica* que foi limpando o terreno até o advento do indivíduo puro, do Narciso em busca de si mesmo, obcecado por si mesmo e, assim sendo, suscetível de enfraquecer ou de desmoronar a qualquer momento diante da adversidade que enfrenta desarmado, sem força exterior.²¹

Os inúmeros paradoxos e contradições pós-modernos revelam o que há de bom e de mau no coração de cada pessoa. É contraditório um mundo onde todos manifestam o desejo pela paz, mas não cessa de fabricar armas que alimentam o terrorismo; é contraditório ver o empenho gigantesco, em muitas cidades, na revitalização de antigos centros históricos, porém, com bases utilitaristas, realizando uma espécie de higienização social, expulsando os sem-teto “de lugares nos quais eles poderiam não apenas viver, mas também se fazer notar de modo invasivo e incômodo”²²; é contraditória uma sociedade que se mobiliza para realizar grandes manifestações contra a corrupção, mas não se envergonha em sonegar impostos e tirar vantagens em pequenos hábitos quotidianos e em tudo aquilo que puder; da mesma forma, é contraditória uma sociedade que se comove e se mobiliza para ajudar vítimas de catástrofes naturais em diversas regiões do mundo, mas se habitua em ver o aumento da população de rua, como algo que não lhe diz respeito.

Uma marca característica da sociedade contemporânea é o processo de desconstrução cultural, especialmente no que tange às instituições que antes serviam de referência e segurança para o indivíduo e para a sociedade. Hoje,

²¹ LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tambureri-SP: Manole, 2005, p.28-29.

²² BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 26.

portanto, tudo aquilo que representa tradição é visto com desconfiança, como ameaça à liberdade e à individualidade do sujeito. Assim, vemos um distanciamento cada vez maior da forma de conceber o ser humano, daquela visão tradicional e cristã. Paradoxalmente, é exatamente nos escombros das diversas tradições que muitos contemporâneos buscam as pedras para construir os fundamentos dos seus novos ideais.

Essa rejeição aos sinais do passado também afeta a relação com os idosos, e isso fragiliza o futuro das próximas gerações. Na sociedade pós-moderna, preocupada com a eficiência e a realização de si, os idosos são, muitas vezes, desprezados e abandonados, como representantes incômodos do século do qual se pretende apagar a lembrança. Mas como explicar que, mesmo assim, milhões de pessoas se sentem representadas por um ancião que, da sacada da janela de um prédio antigo, fala com voz cansada e firme: “Eu pertenço à geração que viveu a segunda guerra mundial e lhe sobreviveu. Tenho o dever de dizer a todos os jovens, aos que são mais jovens do que eu, que não tiveram esta experiência: Nunca mais a guerra!”²³; se sentem igualmente confortadas por outro ancião que proclama: “Quem deixa entrar Cristo, nada perde, nada absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande. Não! Só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida”²⁴; e continuam a se sentirem compreendidas e motivadas, por um ancião que declara: “O desenvolvimento econômico deve ter o rosto humano. Digamos não à uma economia sem rosto!”²⁵

Não seria este um sinal de que os valores humanos fundamentais, como a vida, a dignidade humana, a liberdade e a paz, valores muitas vezes negados e desprezados, continuam vivos no íntimo de cada homem e mulher, esperando uma pequena fagulha para reacender, de novo, a chama?

A ênfase na individualidade e na experiência pessoal, que são características da atual sociedade, tem suscitado, segundo alguns autores, “o retorno do sagrado”.

²³ JOÃO PAULO II. Angelus de 16 março 2003. Disponível in: <<http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2003/documents/hf_jp-ii_ang_20030316.html>>. Acessado em 02/07/2017.

²⁴ BENTO XVI. Homilia inaugural do seu pontificado. Disponível in: <<http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050424_inizio-pontificato.html>>. Acessado em 02/07/2017.

²⁵ FRANCISCO. Viagem apostólica ao Equador, Bolívia e Paraguai. Disponível in: <<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150711_paraguay-societa-civile.html>>. Acessado em 02/07/2017.

A modernidade tratou de expurgar Deus e a religião da condição humana. Feuerbach e os mestres da suspeita – Marx, Freud e Nietzsche – compuseram uma crítica tão feroz ao sistema religioso que despontava no horizonte moderno a certeza da inutilidade de Deus na vida do ser humano. Religião era então alienação, ilusão, dependência paterna, imaturidade.²⁶

Quanto mais cresce o materialismo e o individualismo contemporâneo, cresce também a procura pelo bem-estar interior através de experiências místicas. Embora muitas vezes essa busca de Deus na cultura contemporânea apresente características individuais e de rejeição a vínculos institucionais religiosos, ela revela a inesgotável sede de Deus que habita no coração humano. A busca de Deus é também a busca pelo sentido, não apenas do sentido último, mas do sentido de cada fato e sobretudo do sentido do sofrimento.

2.2. O sofrimento no mundo contemporâneo

Quando falamos de sofrimento, são muitas e diversas as situações que nos vêm à mente e com as quais identificamos essa difícil condição, que é comum a todos os seres humanos. Independentemente da idade, cultura, religião ou condição social, todos experimentamos algum tipo de sofrimento, seja ele previsto, inesperado ou inevitável. No passado e no presente da história, esse continua sendo um dos maiores desafios da humanidade, o qual todos queremos evitar ou superar.

Para uma melhor compreensão, é importante fazer uma distinção entre dor e sofrimento: quando falamos de sofrimento, estamos sempre nos referindo a um tipo de dor, ou seja: “sofrer quer dizer ter dor”²⁷. Há uma distinção entre a dor física, que ocorre quando o corpo é lesionado no seu exterior ou no interior, e dor na alma, que está ligada à dimensão emocional²⁸ do ser humano. Podemos, então, compreender, conforme ensina João Paulo II na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, que a dor física corresponde ao sofrimento físico, e a dor na alma ao sofrimento moral.

²⁶ CAMPOS, Mônica Baptista. Experiência de Oração: Aventura, Humanização e Relação com Deus em nossa Cultura do Consumo e do Espetáculo. In: PEDROSA-PÁDUA, Lúcia; CAMPOS, Mônica Baptista (org.). *Santa Teresa*. Mística para o nosso Tempo. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2011, p.133.

²⁷ VERGELY, Bertrand. *O Sofrimento*. São Paulo: EDUSC, 2000, p.7.

²⁸ *Ibidem*, p.7-8.

O sofrimento é *algo mais amplo* e mais complexo do que a doença e, ao mesmo tempo, algo mais profundamente enraizado na própria humanidade. É-nos dada uma certa ideia quanto a este problema pela distinção entre sofrimento físico e sofrimento moral. Esta distinção toma como fundamento a dupla dimensão do ser humano e indica o elemento corporal e espiritual como o imediato ou direto sujeito do sofrimento. Ainda que se possam usar, até certo ponto, como sinônimas as palavras “sofrimento” e “dor”, o *sofrimento físico* dá-se quando, seja de que modo for, “dói” o corpo; enquanto que o *sofrimento moral* é “dor da alma”.²⁹

Para o filósofo Louis Lavelle, embora a dor física possa tornar cada instante insuportável, a dor moral consegue superá-la. A primeira, por estar ligada ao corpo, está também ligada ao instante, com momentos mais brandos e outros mais intensos; a segunda, que configura o sofrimento, é um mal sempre experimentado no presente. Assim, podemos dizer “que a dor só diz respeito a um aparte de mim mesmo; já no sofrimento, o eu está envolvido por inteiro; mesmo quando o sofrimento foi apaziguado, já modificou, já impregnou minha vida inteira”.³⁰

Contudo, é importante localizar o lugar específico do sofrimento, que reside, não na dimensão do “ser” da pessoa, mas na dimensão do “estar”. Todos os esforços empregados para sanar ou aliviar a dor e o sofrimento, não devem confundir, nem reduzir, todas as dimensões da vida àquela dimensão fragilizada, ou seja, o ser humano não deve ser identificado com o seu sofrimento, porque ele é sempre mais do que isso!

Da mesma forma, quando falamos de sofrimento humano, não podemos nos restringir à dimensão da dor, da doença e da pobreza material, porque o mundo do sofrimento é bem mais complexo. “O homem sofre de diversas maneiras, que nem sempre são consideradas pela medicina, nem sequer pelos seus ramos mais avançados”³¹. Erra, portanto, quem identifica o sofrimento apenas com enfermidades, como também se engana quem o identifica unicamente com a pobreza material. Ambas as condições podem, ou não, ser causadoras de sofrimento, sem necessariamente serem sua fonte.

Se quisermos compreender o sofrimento no mundo contemporâneo e as suas diversas manifestações, precisamos observar a complexidade de realidades paradoxais presentes no seu seio. Por exemplo, como compreender que, em plena era digital, ainda existem pessoas que morrem por falta de atendimento hospitalar?

²⁹ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Salvifici Doloris*. O sentido cristão do sofrimento humano. São Paulo: Paulinas, 1998, n.5. Será citada SD.

³⁰ LAVELLE, Louis. *O mal e o sofrimento*. São Paulo: É Realizações, 2014, p.67-68.

³¹ SD, n.5.

Como compreender que na era da globalização, onde a tecnologia aproxima os distantes territorialmente, muitas pessoas fisicamente próximas vivem como distantes e se tornam surdas ao grito dos que sofrem ao nosso lado? Isso acontece porque,

para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. (...) Há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano.³²

A sociedade pós-moderna valoriza, deseja e persegue, veementemente, o bem-estar, e para isso conta com o auxílio da ciência e da tecnologia que produzem e aprimoram os meios para eliminar ou, ao menos, reduzir todo tipo de dor. Paradoxalmente, nessa mesma sociedade, cresce, como nunca antes, novas formas de sofrimento, agravadas pelas modificações socioeconômicas, políticas, sociais e culturais. A sociedade dos excessos é, ao mesmo tempo, a sociedade que padece o vazio e a desorientação!

Observando os benefícios adquiridos pela humanidade, frutos das inúmeras conquistas científicas e sociais, Lipovetsky afirma que “raramente na história da humanidade os homens tiveram tantas razões para ficarem tranquilos com tudo o que lhes proporciona a sociedade que criaram”³³, porém, paradoxalmente, revela-se outra face dessa mesma moeda, porque o mesmo mundo que oferece prazer sem limites, não consegue frear o crescente número de pessoas deprimidas, ansiosas, inseguras quanto ao futuro e menos otimistas quanto à qualidade de vida por vir.³⁴

Ao falar de “ecologia integral” na Encíclica *Laudato Si*, Francisco expõe um problema muito atual da cultura contemporânea e que gera diversos tipos de sofrimento, sobretudo para as populações mais pobres. Para ele, a degradação ambiental é fruto da degradação social, que nos faz surdos aos “gemidos da irmã

³² EG, n.54.

³³ Cf. LIPOVETSKY, Gilles/ SERROY, Jean. *A cultura-mundo*. Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.22.

³⁴ *Ibidem*, p.23.

terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo”³⁵. Tudo isso é fruto de um relativismo prático e da “cultura do descartável”.

É a mesma patologia que impele uma pessoa a aproveitar-se de outra e a trata-la como mero objeto, obrigando-a a trabalhos forçados, ou reduzindo-a à escravidão por causa de uma dívida. É a mesma lógica que leva à exploração sexual das crianças, ou ao abandono dos idosos que não servem os interesses próprios. É também a lógica interna daqueles que dizem: “Deixemos que as forças invisíveis do mercado regulem a economia, porque os seus efeitos sobre a sociedade e a natureza são danos inevitáveis”.³⁶

Essa é a lógica egoísta que Francisco denuncia e que se move apenas na direção dos interesses e necessidades imediatas, cujas satisfações justificam todas as formas de injustiça.

Se não há verdades objetivas nem princípios estáveis, fora da satisfação das aspirações próprias e das necessidades imediatas, que limites pode haver para o tráfico de seres humanos, o crime organizado, o narcotráfico, o comércio de diamantes ensanguentados e de peles de animais em vias de extinção? Não é a mesma lógica relativista a que justifica a compra de órgãos dos pobres com a finalidade de vendê-los ou utilizá-los para experimentação, ou o descarte de crianças porque não correspondem ao desejo de seus pais? É a mesma lógica do “usa e joga fora” que produz tantos resíduos, só pelo desejo desordenado de consumir mais do que realmente se tem necessidade.³⁷

Outro drama muito atual e que depõe contra o individualismo que escraviza e exclui, causando sofrimentos, é a situação dos milhares de refugiados em todo o mundo³⁸, seja em decorrência de catástrofes naturais, de guerras e do terrorismo, do desemprego ou da fome. São milhões de pessoas que agora encontram-se sem lar e sem pátria; às vezes sem família, sem nenhuma segurança e sem garantia de retorno. Esse quadro concorre para o aumento da violência, que por sua vez produz o medo e uma segregação ainda maior nas grandes cidades.

Falar de sofrimento no mundo contemporâneo é, ao mesmo tempo, denunciar que as grandes conquistas culturais, sociais, políticas e econômicas são incapazes

³⁵ FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Sí*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola 2015, n. 53.

³⁶ *Ibidem*, n. 123.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ A ACNUR- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, informou que só no primeiro semestre de 2016, 3,2 milhões de pessoas foram forçadas a fugir das suas terras, por causa de conflitos e perseguições. Informação disponível em: www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/58aa8f247/mid-year-trends-june-2016.html. Acessado em 09/08/2017.

de realizar completamente os anseios humanos, especialmente o anseio de felicidade.

Lipovetsky observa que a felicidade, antes apresentada como a conquista ou a recompensa pelos esforços do passado e do presente, não está mais relacionada com um futuro distante ou escatológico, quase inalcançável, mas com “um presente radiante, gozo imediato sempre renovado, utopia materializada”³⁹. O que mais conta é, portanto, a satisfação dos próprios desejos, como sinônimo de conquista da felicidade.

A falsa imagem da felicidade obtida através do consumo, além de gerar frustrações, alimenta a violência, porque, como bem observou Bauman, “os obstáculos responsabilizados ou suspeitos de bloquear essa busca passaram a constituir o sistema de injustiça e uma causa legítima de rebelião”⁴⁰. Nos encontramos, portanto, diante de um sério deslocamento dos princípios éticos e de uma crise antropológica, visto que a conquista da felicidade pessoal tornou-se, para muitos, a medida do bem e do mal.

O diagnóstico apresentado por Rojas concentra-se na crise de valores. Seria esta a causa do grande vazio espiritual das sociedades pós-modernas e que se expressa em forma de uma crescente ansiedade⁴¹. Os sintomas desse estado de crise são perceptíveis e povoam os consultórios psiquiátricos, porém a solução muitas vezes oferecida para sanar os conflitos interiores e a consequente ansiedade é apresentada através da ingestão das “pílulas da felicidade”⁴², criando, assim, uma cultura dependente dos ansiolíticos e antidepressivos, cada vez mais incapaz de resolver livre e autonomamente seus problemas e seus sofrimentos. Corremos o risco de nos acostumarmos com os paliativos, sem nunca descer nos fundamentos da nossa dor.

Reafirmando a tese do vazio existencial de Viktor Frankl, como causa dos sofrimentos contemporâneos, o psiquiatra argentino Roberto Almada observa como muitas pessoas vivem esse fenômeno de forma inconsciente:

Trata-se de um vazio interior que se abre frente à constatação, consciente ou não, de nossa existência carecer de meta e sentido. Observa-se o absurdo da própria

³⁹ LIPOVETSKY. *A Felicidade Paradoxal*, p. 335.

⁴⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 77.

⁴¹ Cfr. ROJAS. *O Homem moderno*, p.110.

⁴² Cf. FURTADO. *O lugar do sofrimento na cultura contemporânea*, p.197.

existência produzido pela perda do horizonte de valores e objetivos. Esse fenômeno é vivido pela maioria das pessoas de forma latente, ou seja, não consciente. O alcoólatra acha que é apenas um viciado e se envergonha; o dependente afetivo acredita que é simplesmente um apaixonado; e o violento da torcida organizada sente somente a necessidade de desafogar as múltiplas injustiças recebidas. O vazio existencial é sofrido conscientemente por poucas pessoas; a maioria manifesta-o por meio de sintomas colaterais, como os descritos acima. Uma minoria, a qual eu chamarei de “os sumamente bons”, enfrenta-os sem atalhos, enganos e ilusões.⁴³

Almada analisa o vazio existencial ou crise de sentido em dimensões globais na sociedade pós-moderna e observa que cresce o número de pessoas que sofrem desse mal. Sem orientação, alguns procuram preencher o vazio através do consumismo, que torna-se grave quando “as coisas perdem consistência e, como consequência, o mundo se torna evanescente”⁴⁴, porque “quando se está rodeado de coisas efêmeras e inconsistentes, perde-se um fator de referência seguro no mundo tangível para construir uma identidade certa”⁴⁵. Outra consequência característica sobretudo nas sociedades competitivas é o desgaste profissional, conhecido como crise de *Burnout*, igualmente relacionado ao vazio existencial.

Na sua obra *Felicidade Paradoxal*, Lipovetsky apresenta um capítulo no qual examina com maestria as relações entre o consumismo e a insatisfação existencial. Ele observa que os padrões da sociedade acerca do consumismo indicam também a fragilidade na compreensão e na assunção da liberdade e da responsabilidade frente à própria vida, ao outro e às futuras gerações, e constata que os valores interpessoais continuam sendo garantia para que as pessoas não sucumbam diante das frustrações causadas pela ilusão do consumismo.⁴⁶

Outro elemento, produtor de sofrimentos e desgastes na sociedade pós-moderna, segundo a observação de Almada, é a temporalidade fragmentada, ou seja, a ânsia de poder aproveitar todas as possibilidades para preencher o tempo presente, restando sempre a frustração pela impossibilidade de dominá-lo. Surge, portanto, “uma nova escravidão, sustentada por um sentimento obsessivo de culpa quando o tempo não é aproveitado em todas as suas possibilidades”⁴⁷. Como efeitos dessa relação fragmentária com o tempo, aparecem alguns sintomas como

⁴³ ALMADA, Roberto. *O Cansaço dos Bons*. A logoterapia como alternativa ao desgaste profissional. São Paulo: Cidade Nova, 2016, p.156.

⁴⁴ Ibidem, p.149.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Cf. LIPOVETSKY. *Felicidade Paradoxal*, p.157-205.

⁴⁷ ALMADA. *O Cansaço dos Bons*, p.154.

toxicod dependência, esportes de alto risco, transtornos alimentares, ativismo e dependência do trabalho⁴⁸. Todos esses sintomas geram ou influenciam outros tipos de sofrimentos sobretudo no meio familiar, porque relegam para o segundo plano as relações interpessoais e o valor das pessoas.

O mundo globalizado e virtualmente conectado é também o mundo onde muitas pessoas padecem de solidão. Os solitários do nosso planeta não são apenas os abandonados e esquecidos nas prisões, nos hospitais psiquiátricos, nos orfanatos, nas ruas e praças das cidades. Há um outro tipo de solidão, a daqueles que na busca pelo sucesso, por dignidade e honra, chegam a dividir a casa, a mesa e até a cama, porém não dividem suas dores e alegrias; têm medo das consequências de uma vida partilhada, ou seja, desconhecem que o segredo para uma vida plena está no esquecimento de si em favor dos outros, porque, de fato, “que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro e arruinar a sua vida?”⁴⁹

Quem sofre a solidão porque teme partilhar a vida, demarca fronteiras e constrói muros ao seu redor, e assim acaba se tornando prisioneiro da própria estrutura de segurança.

Conforme podemos observar, o sofrimento é um drama que acompanha a humanidade, por isso cada cultura e cada geração cria respostas, mecanismos de defesa ou paliativos na tentativa de afastar, evitar e esquecer o que lhe causa sofrimento. Dependendo da forma como essas respostas são desenvolvidas, reaparece o questionamento acerca do mal e, conseqüentemente, acerca da existência e da bondade de Deus⁵⁰.

2.3. Relação entre pobreza, sofrimento e sentido no mundo contemporâneo

Diante do que foi exposto até aqui, constatamos que, apesar das inúmeras conquistas humanas e sociais aportadas pela pós-modernidade, existe também um crescente individualismo que nos torna insensíveis ao outro. O papa Francisco alerta contra esse mal, ao qual denomina “globalização da indiferença”, quando afirma que “o individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Mt 16,2.

⁵⁰ Este tema será abordado no capítulo 4.

que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares”⁵¹. O individualismo, que é o viver voltado para si, é a causa de inúmeros sofrimentos, porque cria abismos quase intransponíveis que impedem de ver a dor daqueles que se encontram do outro lado, e enfraquece o comprometimento com os mais fracos.

A indiferença, segundo Lavelle, nos protege contra o sofrimento, porque a nossa capacidade de sofrer é proporcional ao interesse ou afeição que sentimos por alguém.⁵² Dessa forma, o individualismo nos mantém na superficialidade dos relacionamentos, e o outro sempre será considerado indigno do nosso amor, contudo, o amor ao próximo, que se traduz no serviço desinteressado e na oferta total de si, é a condição *sine qua non* para o seguimento de Cristo.

Refletir sobre o sofrimento no mundo contemporâneo também nos leva a questionar acerca da condição precária de milhões de pessoas em todo o mundo, embora saibamos que o problema do sofrimento não está ligado unicamente a determinada classe social ou cultura, e que também se trata de uma questão antropológico-existencial. Contudo, devemos reconhecer que existem situações de pobreza, de dores e de doenças que são causa direta de muitos sofrimentos para quem os padece, e por isso exigem uma resposta concreta e a solicitude fraterna.

Durante muito tempo, sobretudo na América Latina, o tema da pobreza suscitava desconfiança, por causa dos perigos de interpretações equivocadas, fossem sociais, políticas ou até mesmo espirituais acerca da condição de uma boa parte da sua população, enfraquecendo, assim, o comprometimento de muitos na ação caritativa e no anúncio da Boa Nova para com os mais pobres. Qual é, então, o ponto de vista adequado para olhar a pobreza e o pobre? Certamente, aquele que não manipula nem os reduz a uma subcategoria social.

O pobre não pode ser visto como mero objeto dos nossos atos isolados ou constantes de caridade para desencargo de consciência, nem como objeto irritante de ineficazes políticas públicas. Ele é também, e sobretudo, sujeito. E deve ser sujeito da própria vida, porque é uma pessoa, tem um passado e um futuro e tem uma dignidade que vai além da sua aparência e dos seus atos.

Em Jesus, Deus se fez pobre e se identificou com os pobres e sofredores deste mundo, portanto não o conheceremos se fecharmos os olhos diante desses, que já

⁵¹ EG, n.67.

⁵² Cf. LAVELLE. *O mal e o sofrimento*, p. 69.

não são um privilégio dos países antes chamados de “terceiro mundo”. Em todos os continentes multiplica-se o número de pessoas a quem falta o mínimo para viver dignamente, chegando no nível da miséria. Os pobres são alvo da misericórdia de Deus, mas são igualmente um meio pelo qual encontramos Deus, é por isso que “pertencem à Igreja por direito”⁵³, é por isso também que,

se alguém disser que tem fé, mas não tem obras que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência de cada dia e alguém dentro vós lhes disser: “Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos”, e não lhes der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso?”⁵⁴

A esse respeito, João Paulo II declara que a opção preferencial pelos pobres concerne a vida inteira de cada cristão, na dimensão pessoal de seguimento e imitação de Cristo e nas suas responsabilidades sociais que incluem a coerência no uso dos seus bens.

Mais ainda: hoje, dada a dimensão mundial que a questão social assumiu, este amor preferencial, com as decisões que ele nos inspira, não pode deixar de abranger as imensas multidões de famintos, de mendigos, sem teto, sem assistência médica e, sobretudo, sem esperança de um futuro melhor: não se pode deixar de ter em conta a existência destas realidades. Ignorá-las significaria tornar-nos como o “rico epulão”, que fingia não conhecer o pobre Lázaro, que jazia ao seu portão (*Lc 16, 19-31*).⁵⁵

Para ajudar a Igreja inteira e cada cristão a viver a predileção de Jesus pelos pobres, o Papa Francisco instituiu o Dia Mundial dos Pobres, celebrado no 33º domingo do Tempo Comum, domingo que antecede a festa de Cristo Rei do Universo.

A partir do tema, “Não amemos com palavras, mas com obras”, Francisco recorda que o amor ao próximo é uma resposta concreta ao amor de Deus e que “o amor não admite álibis: quem pretende amar como Jesus amou deve assumir o seu exemplo, sobretudo quando somos chamados a amar os pobres”⁵⁶.

⁵³ PAULO VI. Discurso de abertura da II Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, 29/09/1963. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html. Acessado 09/08/2017.

⁵⁴ Tg 2,14-16.

⁵⁵ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*. São Paulo: Paulinas, 1987, n.42.

⁵⁶ FRANCISCO. Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa->

Na mensagem para o primeiro Dia Mundial dos Pobres, Francisco lembrou que no início da Igreja o serviço de assistência aos pobres não era uma retórica, mas prática concreta. E quando, ao longo da história, os cristãos se desviaram desse princípio evangélico, foram contagiados pelo mundanismo, porém o Espírito Santo sempre suscitou homens e mulheres que ofereceram sua vida ao serviço dos pobres. Portanto, para o discípulo de Cristo,

a pobreza é, antes de mais, uma vocação a seguir Jesus pobre. É um caminho atrás d'Ele e com Ele: um caminho que conduz à bem-aventurança do Reino dos Céus (cf. Mt 5, 3; Lc 6, 20). Pobreza significa um coração humilde, que sabe acolher a sua condição de criatura limitada e pecadora, vencendo a tentação de onipotência que cria em nós a ilusão de ser imortal. A pobreza é uma atitude do coração que impede de conceber como objetivo de vida e condição para a felicidade o dinheiro, a carreira e o luxo. Mais, é a pobreza que cria as condições para assumir livremente as responsabilidades pessoais e sociais, não obstante as próprias limitações, confiando na proximidade de Deus e vivendo apoiados pela sua graça.⁵⁷

Quem se fecha à lógica do amor de Cristo, que amou até o fim, não consegue identificar a pobreza que é “fruto da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada”⁵⁸, porque vê apenas a aparência sob a ótica da indiferença.

E, todavia, esta interpela-nos todos os dias com os seus inúmeros rostos marcados pelo sofrimento, pela marginalização, pela opressão, pela violência, pelas torturas e a prisão, pela guerra, pela privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e pelo analfabetismo, pela emergência sanitária e pela falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e pela escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada. A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro.⁵⁹

Francisco nos ensina que aproximar-se do pobre é uma ocasião propícia para encontrar a Deus, além disso, os pobres podem ser para nós mestres que nos ajudam a viver com maior coerência a fé e a confiança na providência divina⁶⁰. Como é possível, portanto, que um cristão se sinta tranquilo sabendo que muitos dos seus irmãos estão desesperados? Como pode dormir em paz, sabendo que seus irmãos

francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html. Acesso: 08/10/2017.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Ibidem.

⁶⁰ Ibidem.

estão encolhidos nas calçadas e nas praças? Como pode ter coragem de desperdiçar alimento, enquanto milhões de irmãos seus choram e morrem de fome? Como pode permanecer indiferente diante do flagelo das drogas, diante da violência contra a mulher e diante da corrupção que condena os mais pobres ao desemprego e à miséria?

Não obstante, quase como um paradoxo, é exatamente entre a população pobre que encontramos os maiores exemplos de superação dos sofrimentos através da apropriação do sentido da vida, pela certeza de ter uma razão pela qual vale a pena lutar. Dentre aqueles que vivem a pobreza ordinária, também “subsistem preocupações não materiais, como o cuidado com a moral, a religião e mesmo a arte. Essas preocupações, aliás, muitas vezes predominam sobre as materiais”⁶¹. Isso quer dizer que, mesmo entre os povos pobres há o primado do ser sobre o ter.

Clodovis Boff observa que mesmo em lugares onde as condições de vida são das mais desfavoráveis, onde proliferam a prostituição e a criminalidade, “há pessoas e mesmo grupos, cujas condições materiais são de extrema destituição e que, no entanto, mostram preocupações morais e espirituais que transcendem amplamente aquelas condições, chegando mesmo às alturas do heroísmo”.⁶² São pessoas que, mesmo em situações extremas, não deixam de alimentar a esperança.

Tudo isso revela que a maneira como nos relacionamos com as coisas, com as pessoas, conosco e com Deus, influencia e potencializa o modo como sentimos e vivenciamos os desafios que se nos apresentam nas diversas situações da vida. Com isso não queremos negar que as situações extremas de sofrimento, de pobreza e de dor são insuportáveis, às vezes desumanas, e exigem ser tratadas adequadamente para garantir dignidade e consolo aos que padecem. Não devemos, contudo, ignorar, como afirma o papa Francisco, que o desconhecimento de Deus “constitui a maior pobreza e o maior obstáculo para o reconhecimento da dignidade inviolável da vida humana”⁶³.

Quem encontra sentido na própria vida não está imune ao sofrimento, nem deixa de sentir as suas dores. Não se trata de uma fórmula mágica, porque o sentido

⁶¹ BOFF, Clodovis. *O Livro do Sentido*. Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica). Volume I. São Paulo: Paulus, 2014, p.126.

⁶² Ibidem.

⁶³ FRANCISCO. *Carta Apostólica Misericordia et misera*, n.18. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html. Acessado em 10/10/2017.

não elimina o mal, mas capacita a prosseguir “apesar de”, salva da paralisia do individualismo e da tentação do narcisismo que torna o coração e a consciência impermeáveis diante da injustiça, da corrupção, da violência e das lágrimas de tantas pessoas que sofrem e já não encontram mais razão para viver.

Embora não devamos confundir sofrimento com pobreza, conforme já explicado, devemos compreender que existe uma estreita relação entre ambas, por isso, na urgente tarefa de socorrer os que a padecem, Jesus se identifica com os mais frágeis entre nós:

Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e vieste ver-me. Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver? Ao que lhes responderá o rei: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.”⁶⁴

As palavras de Jesus tornam urgente o exercício das obras de misericórdia para com os nossos irmãos famintos, os sedentos, os desabrigados, também aqueles despedidos da sua dignidade, os doentes, os encarcerados, os deprimidos e aqueles sem sentido de vida. Devemos nos aproximar desses irmãos com compaixão e comoção, ou seja, a nossa compaixão precisa ser mediada por atos concretos de misericórdia que também passam pelas ações sócio-políticas, como via sempre aberta para doar e receber o dom sincero do amor.

2.4. Falsificação da vida no mundo contemporâneo

Como observamos, as esperanças de felicidade depositadas nos avanços técnicos e científicos do mundo moderno foram frustradas, imprimindo em muitas pessoas o vazio existencial e a desesperança diante do futuro. A busca desenfreada pela eficiência e as sempre crescentes exigências do sistema produtivo, que tem instrumentalizado o ser humano, além de criar um abismo cada vez maior entre as classes sociais, também colocaram em risco o ecossistema com a exploração inconsequente dos recursos naturais. Esse quadro dramático tem colaborado para o

⁶⁴ Mt 25,35-40.

aumento da fome, da miséria e da violência, especialmente nos países menos desenvolvidos.

Assim, de forma quase contraditória, vemos a ciência progredindo nas descobertas farmacológicas, mas continuam a surgir novas doenças e um número assustadoramente grande de pessoas não consegue ter acesso aos tratamentos necessários para garantir-lhes uma maior qualidade de vida.

Nos últimos anos acompanhamos a propagação do terrorismo, a intolerância religiosa, o drama dos refugiados, como também, em diversos países do mundo, especialmente em alguns países da América Latina, a corrupção política e as várias consequências dramáticas para uma inteira nação, sobretudo para a população mais pobre. Diante desse quadro, falar sobre sentido da vida não é algo irrelevante.

Quem ainda não descobriu que o valor e a beleza da vida não se reduzem por causa da sua fragilidade, poderá entrar em desespero, caso seja forçado, por uma tragédia ou enfermidade, a desacelerar o ritmo porque já não pode produzir como antes; igualmente, quem tem uma visão utilitarista acerca do ser humano, sucumbe diante da aparente inutilidade de uma doença ou da velhice. Contudo, o valor da vida está enraizado na própria vida, em Deus, que é o seu autor.

No mundo atual, conforme vimos, estão presentes muitas formas de sofrimento, além disso constatamos que o progresso, com todas as suas promessas de felicidade, não dissipou os sofrimentos humanos, ao contrário, tem colaborado para o surgimento de novas formas de sofrimento. Isso nos leva a afirmar que há, na raiz do sofrimento humano contemporâneo, uma crise existencial, uma crise de sentido da própria vida. E sem sentido, o ser humano passa a ser guiado pelos próprios instintos, ou coagido pelas forças dominantes, por isso vive sem esperança para si e indiferente à dor do seu próximo.

Aprofundando o tema do lugar do sofrimento no mundo contemporâneo, Mariama Furtado constata que há uma forte tendência a traduzir o sofrimento por “mal psíquico”, como transtornos de comportamento; dessa forma passamos a responder a todo tipo de sofrimento através de tratamentos terapêuticos, evitando, muitas vezes, encontrar as causas do problema e o sentido do sofrimento.

Ao se apoiar no discurso tecnocientífico pragmático, a medicina biotecnológica pós-moderna não estaria mais interessada no sentido do sofrimento, mas em resolver a pergunta “para que serve o sofrimento?”, cuja resposta apontaria para a inutilidade desta experiência para uma boa gestão de si, de modo que corrigi-la parece o

caminho mais eficaz. E assim, o pensamento utilitário contemporâneo acaba reduzindo estas questões da vida humana a um simples problema a ser resolvido tecnicamente, buscando no alívio da dor e na maximização do prazer suas boas justificativas.⁶⁵

Ela ainda observa que o crescente consumo de ansiolíticos e antidepressivos depõe contra a própria cultura que os produz, porque a medicalização do sofrimento conduz à medicalização da vida, e a gravidade dessa ação está em “um viver sob o imperativo de uma *expertise* sanitária, na qual o sujeito desaparece, uma vez que a vida e o sofrimento passam a ser tomados num sentido puramente biológico”.⁶⁶

Quando não se compreende que o ser humano “não é só o produto de condições econômicas, nem se pode curá-lo apenas do exterior, criando condições econômicas favoráveis”⁶⁷, pode-se chegar à negação da sua dignidade pessoal e à justificativa de qualquer manipulação da vida em detrimento de ideologias escravizantes e de outras formas de opressão.

Podemos tomar como exemplo a grave crise migratória atual. Diante das consequências do aumento da violência, do terrorismo e da fome, milhões de pessoas são obrigadas a fugir, contudo, muitos continuam incapazes de “sentir com” e não conseguem enxergar além das suas fronteiras. O medo do desconhecido corrobora para o crescimento de sentimentos nacionalistas e de reações extremas e controversas. Escrevendo sobre esse tema, Bauman revela que essa multidão de estranhos à nossa porta estimula o medo e que muitos de nós preferimos nos refugiar no “abrigo *on-line*”, para fugir de um confronto que exigirá uma tomada de posição. Assim, internet tem sido, para muitos, a forma de se “isolar das visões e dos sons do campo de batalha. Na ‘zona de conforto’ resultante, só as pessoas de mentalidade semelhante são admitidas”⁶⁸.

Diante dessa realidade, perguntamos: Esse quadro é irreversível? Embora a resposta a esta pergunta dependa do caminho que cada um escolhe trilhar, é preciso afirmar que este quadro não é irreversível! Há sempre uma voz que tenta insuflar esperança na humanidade. Diante da crise migratória, por exemplo, o Papa

⁶⁵ FURTADO. *O lugar do sofrimento na cultura contemporânea*, p.196.

⁶⁶ Cf. *Ibidem*.

⁶⁷ BENTO XVI. Carta Encíclica *Spe Salvi*. Sobre a Salvação Cristã. São Paulo: Paulus; Loyola 2007, n.21. Será citada SS.

⁶⁸ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à Nossa Porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p.106-107.

Francisco ergueu a voz para alertar o mundo contra o individualismo e a indiferença:

Não prestamos mais atenção ao mundo em que vivemos; não nos importamos; não protegemos o que Deus criou para todos; e acabamos nos tornando incapazes de cuidarmos uns dos outros! [...]. Uma pergunta deve ser feita: quem é responsável pelo sangue desses nossos irmãos e irmãs? Ninguém! Essa é nossa resposta. Não sou eu; não tenho nada a ver com isso [...] A cultura do conforto, que nos faz pensar apenas em nós mesmos, nos torna insensíveis aos gritos de outras pessoas, faz-nos viver em bolhas de sabão que, embora adoráveis, carecem de substância; oferecem uma ilusão efêmera e vazia que resulta na indiferença em relação aos outros; na verdade, leva até a globalização da indiferença. Neste mundo globalizado, caímos na indiferença globalizada. Nós nos acostumamos ao sofrimento dos outros. Ele não me afeta. Não me diz respeito. Não é da minha conta.⁶⁹

Estamos fragmentados na nossa subjetividade, na forma como nos compreendemos no mundo, nas nossas relações com o outro, diante das possibilidades técnicas e na nossa relação com o ambiente. É verdade, estamos fragmentados, mas não estamos destruídos. A fragmentação humana e cultural do mundo pós-moderno, embora se apresente como uma avalanche que muda o cenário do passado, sem apresentar seguranças para o que virá em seguida, não tem a força de destruir a esperança e a liberdade humana, porque “a liberdade pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada homem, cada geração, seja um novo início”⁷⁰.

2.5. Conclusão do capítulo

Conforme pudemos analisar, as conquistas pós-modernas trouxeram grandes facilidades e possibilidades de promoção do bem-estar pessoal e social para a humanidade inteira, contudo se falta uma verdadeira compreensão do valor e da dignidade do ser humano, o progresso é transformado em meio de opressão dos mais fracos. Também constatamos que, independente da região geográfica, da classe social, da faixa etária ou da religião, quando o ser humano não tem clareza do sentido da própria vida, diante do sofrimento recorre a mecanismos de fuga; caminho que conduz a sempre novas formas de sofrimento, para si e para outros.

⁶⁹ FRANCISCO. Santa Missa pelas Vítimas dos Naufrágios. Viagem a Lampedusa, em 08 de julho de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html. Acesso em: 05/09/2017.

⁷⁰ SS, n.24.

Existe, portanto, uma relação de reciprocidade, embora não absoluta, entre sofrimento e falta de sentido no mundo contemporâneo. Os seus vários paradoxos e aparentes contradições colocam-nos diante da difícil tarefa de ter que dar uma resposta concreta e uma tomada de posição perante aqueles que padecem de diversos males, perante a nossa própria vida e perante as futuras gerações que receberão o impacto das nossas escolhas de hoje.

Com o auxílio de outras ciências, especialmente a sociologia e a psicologia, constatamos que o crescente individualismo da cultura contemporânea, além de afetar a percepção de si do sujeito, ofusca o horizonte de sentido da vida, tornando frágeis as relações consigo mesmo, com o mundo e com Deus. Por outro lado, também observamos que permanece no ser humano um desejo profundo de encontrar o sentido da vida, que se manifesta, muitas vezes, através da tomada de posição frente a situações de injustiça, de tragédias e de dores. Assim, constatamos que, embora o sofrimento possa enfraquecer a percepção do sentido da vida, não é capaz de anulá-lo, porque a vida tem sentido apesar de tudo.